

**STUENKEL, Oliver. *The BRICS and the future of global order*. Lanham: Lexington Books, 2015, 228p. ISBN: 978-0-7391-9321-1**

**DÉBORA COUTINHO CUNHA<sup>1</sup>**

**Palavras-chave:** BRICS – Relações Externas; BRICS – Relações Econômicas; Política Mundial - século XXI.

**Keywords:** BRIC countries – Foreign Relations; BRIC countries – Foreign Economic Relations; World Politics – 21st century.

Com o crescente questionamento da legitimidade da ordem internacional ocidental, chamam atenção iniciativas de países emergentes para a proposição de reformas das estruturas de governança global. Esse contexto de questionamento da unipolaridade norte-americana, de crise financeira global e de consequentes demandas por maior igualdade no sistema internacional está na base da empreitada de Oliver Stuenkel, professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo e autor de diversos trabalhos sobre países emergentes e seu impacto para a governança global, ao escrever o livro *The BRICS and the future of global order*.

O livro narra a trajetória do BRICS, grupo atualmente formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, desde sua origem, em 2001, como termo do mercado financeiro criado por Jim O'Neill, economista do Goldman Sachs, até seus mais recentes passos em direção a uma maior institucionalização, passando pelos seus primeiros esforços, a partir de 2006, de diálogo e concertação política, em um processo de evolução que Stuenkel descreve como um dos

Recebido em:  
02 de Dezembro de 2015

Received on:  
December 02, 2015

Aceito em:  
20 de Dezembro de 2015

Accepted on:  
December 20, 2015

DOI: 10.12957/rmi.2015.19917

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Endereço para correspondência:** Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão - João Lyra Filho, 9º andar, Bloco F, sala 9037, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ - CEP: 20550-013. **Email:** [deboraccunha@hotmail.com](mailto:deboraccunha@hotmail.com)

acontecimentos definidores da política internacional do início do século XXI.

O argumento central de Stuenkel parte da premissa de que a explicação para a ascensão dos BRICS está na erosão da legitimidade da ordem global ocidental, consequência de fatores como a participação dos Estados Unidos nas guerras do Iraque e do Afeganistão e a crise financeira desencadeada em 2008, que teria dado ensejo à contestação das desigualdades prevalentes na ordem liberal e à demanda por uma redistribuição de poder que melhor refletisse a realidade. Começando pela cooperação na área financeira, a tentativa dos BRICS de desenvolver posições comuns foi expandida para diversas áreas, incluindo desde questões geopolíticas e financeiras à cooperação técnica em áreas como agricultura e saúde e contribuindo para o fortalecimento do grupo na tentativa de moldar a ordem para melhor atender a seus interesses.

Stuenkel demonstra, ainda, como a entrada da África do Sul no BRICS, em 2011, teria atribuído caráter efetivamente global ao grupo e, com isso, tornado mais legítimo o pleito de representação do mundo emergente, apesar das assimetrias econômicas entre África do Sul e os outros participantes do BRICS. Para o autor,

mais importante que o crescimento econômico seria a capacidade do grupo de sustentar ideias e políticas comuns. Mais recentemente, o lançamento do Novo Banco de Desenvolvimento e do Arranjo Contingente de Reservas teria representado importante passo para a institucionalização do BRICS, demonstrando a disposição dos países em aumentar a coesão do grupo em torno de políticas financeiras e de desenvolvimento, especialmente frente à reversão do contexto outrora favorável a sua ascensão.

O autor, apesar de otimista em relação ao potencial dos BRICS, não ignora as críticas e os desafios enfrentados no caminho para a maior participação do grupo na gestão da ordem global. Stuenkel reconhece as diferenças econômicas e políticas entre os membros da coalizão e compreende as limitações que estas impõem à sua capacidade de construir posições comuns, para apresentar-se como nova voz da ordem internacional e avançar suas demandas, como exemplificado pelo malogro em indicar os atuais dirigentes do FMI e do Banco Mundial. Stuenkel argumenta, no entanto, que o grupo tem articulado posições comuns em mais áreas à medida que a cooperação é aprofundada e que o grupo já foi capaz de manifestar coesão em questões

cruciais, garantindo, por exemplo, o não isolamento da Rússia, diante de pressões externas, no caso da crise da Crimeia.

Mais grave do que as diferenças internas, de acordo com o autor, seria a questão da representatividade. Stuenkel considera que, além de enfrentarem contestação regional a sua capacidade de liderança, dificilmente os países do BRICS conseguiriam convencer o mundo emergente a apoiá-los em suas demandas por uma reformulação mais ampla da ordem global. No entanto, o próprio autor traz a ideia de que, por terem experiência com os problemas dos países em desenvolvimento, os BRICS poderiam ser capazes de propor um modelo de governança capaz de atender às necessidades desses países. Essa lógica funcionaria tanto para demandas pela reforma das instituições de governança financeiras, objetivo mais central do grupo, quanto em relação a contradições da ordem de maneira mais geral.

Ainda assim, Stuenkel ressalta que os BRICS atuam dentro das estruturas e princípios do sistema internacional e que não necessariamente pretendem, ou não possuem recursos de poder suficientes, para contestar e desestabilizar mais profundamente a

ordem internacional. O revisionismo dos emergentes estaria, então, limitado a contestações pontuais da ordem global, sem contestação às regras básicas da ordem liberal. No mesmo sentido, o professor levanta questão preocupante sobre a verdadeira intenção dos BRICS de transformar o sistema ou de apenas ampliar o jogo de poder internacional para garantir sua participação e argumenta que os BRICS não estariam dispostos a defender novos paradigmas de governança e a reestruturação radical dos processos decisórios internacionais, pelo menos enquanto puderem se beneficiar da ordem atual.

Aos que acreditam que a queda do crescimento dos BRICS e a recuperação da posição dos EUA podem representar o fim da linha para o grupo, Stuenkel, talvez na sua contribuição mais importante ao debate sobre o futuro da ordem global, alerta que, ainda que a ascensão dos países do BRICS, individualmente, não se mostre permanente, o processo de multipolarização da ordem global e as transformações da governança global são irreversíveis. De maneira equilibrada, o autor descreve o BRICS como um grupo de importância central para a ordem global, sem ignorar suas limitações de poder e atuação, comprometido com os valores da

ordem liberal, mas demandante de uma reforma das estruturas de governança global que possibilite uma redistribuição de poder mais condizente com a realidade e garanta a aplicação das regras mais

igualmente. Para aqueles que buscam compreender essas mudanças na ordem global e as nuances do comportamento dos países emergentes, o livro é ponto de partida obrigatório.